

Implementação do Protocolo Sepse em uma Unidade de Terapia Intensiva Respiratória: avanços e desafios

Larissa Bertacchini de Oliveira¹, Rosemeire de Oliveira Pontes¹, Anne Caroline Almeida de Sousa², Maria Aparecida Batistão Gonçalves¹, Marcelo Britto Passos Amato¹

1. Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), Brasil

2. Sociedade Beneficente de Senhoras Hospital Sírio-Libanês, São Paulo (SP), Brasil

A sepse é um grande desafio para a assistência à saúde em nível global e está associada a elevados índices de morbidade e mortalidade. A sua identificação, em especial nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) e o tratamento adequado são aspectos primordiais. Neste contexto, a implementação de protocolos clínicos gerenciados é uma estratégia importante e que envolve a educação da equipe multiprofissional, padronização do atendimento e gestão dos indicadores. Na Unidade de Terapia Intensiva Respiratória do InCor, desenvolvemos e implementamos o Protocolo Sepse, baseados nas recomendações das Diretrizes da Campanha de Sobrevivência de Sepse e no Terceiro Consenso de Sepse e Choque Séptico, em outubro de 2022 e desenvolvemos outros três ciclos entre março de 2023 e 2024. Os ciclos de melhoria foram baseados nos indicadores de tempo entre a identificação da disfunção orgânica e o tempo de administração do antibiótico, o tempo de coleta dos exames laboratoriais e de reavaliação do paciente, número de fichas abertas e em que foi dado seguimento, além da incidência de choque séptico, dias de internação na UTI e mortalidade. Como principais desafios destacamos o reconhecimento do quadro de sepse, em que se definiu que o enfermeiro mensurasse e avaliasse o escore SOFA (*Sequential Organ Failure Assessment*) a cada 12 horas, além da identificação de critérios SIRS (Síndrome da Resposta Inflamatória Sistêmica) e de novas disfunções orgânicas, sendo que a definição de suspeita de foco infeccioso e seguimento do protocolo sepse era de definição da equipe médica. Outro desafio foi a interação de processo com as diversas equipes, para que evoluíssemos no gerenciamento eficaz do protocolo. Como avanços estamos desenvolvendo juntamente com engenheiros de dados uma ferramenta para o cálculo automático do SOFA e a identificação do risco de sepse e estamos participando de um projeto internacional para predição da sepse com algoritmos de aprendizagem de máquina por meio do software Comet® (*Continuous Monitoring of Event Trajectories*) da Nihon Kohden Digital Health Solutions. As perspectivas são de que possamos identificar ainda com maior eficiência os casos de sepse na UTI, com o refinamento de algoritmos de inteligência artificial e educação contínua da equipe multiprofissional.

